

AUTORA BESTSELLER DE COMER, ORAR, AMAR

ELIZABETH  
GILBERT

A CIDADE  
DAS  
MULHERES



*Para Margaret Cordi — meus olhos, meus ouvidos,  
minha amiga adorada*

*Faz disparates,  
mas fá-los com entusiasmo.*

Colette

*Nova Iorque, abril de 2010*

Recebi uma carta da filha dele, um dia destes.

Angela.

Pensei muitas vezes na Angela ao longo dos anos, mas esta foi apenas a nossa terceira interação.

A primeira foi quando lhe fiz o vestido de noiva, em 1971.

A segunda, quando me escreveu a dizer que o pai tinha morrido. Isto em 1977.

Agora, escrevia-me para comunicar o falecimento da mãe. Não sei muito bem como a Angela esperaria que eu recebesse a notícia. Talvez julgasse que me ia deixar desconcertada. Dito isto, não desconfio de nenhuma malícia da parte dela. A Angela não é desse género. É boa pessoa. Mais importante, é uma pessoa interessante.

Fiquei, no entanto, tremendamente surpreendida por saber que a mãe da Angela tinha durado tanto tempo. Presumira que a mulher já morreria há séculos. Deus sabe que todos os outros já morreram. (Mas porque havia de me espantar a longevidade de qualquer pessoa, quando eu própria me tenho agarrado à existência como uma lapa ao fundo de um barco? Não posso ser a única anciã ainda a arrastar-se por Nova Iorque, recusando-se a abandonar a vida e a sua propriedade.)

Mas foi a última frase da carta que mais impacto causou em mim.

«Vivian», escreveu a Angela, «tendo em conta que a minha mãe faleceu, gostava de saber se agora já se sentiria mais à vontade para me contar o que foi para o meu pai.»

Ora muito bem.

Que fui eu para o pai dela?

Apenas ele poderia ter respondido a essa pergunta. E, uma vez que optou por não falar com a filha sobre mim, não me cabe contar à Angela o que fui para ele.

Posso, no entanto, contar-lhe o que ele foi para mim.

## UM

No verão de 1940, era eu uma idiota de dezanove anos, os meus pais enviaram-me para a casa da tia Peg, que era dona de uma companhia de teatro em Nova Iorque.

Eu acabara de ser dispensada da Faculdade de Vassar por nunca ter frequentado as aulas e, conseqüentemente, ter chumbado a todos os exames do primeiro ano. Não era tão burra quanto as minhas notas me faziam parecer, mas, patentemente, isso não importa muito se não se estuda. Quando agora penso no assunto, não consigo recordar muito bem como ocupava o tempo durante as muitas horas que devia ter passado nas aulas, mas — conhecendo-me como me conheço — suponho que andava terrivelmente absorvida pela minha aparência. (Lembro-me, por acaso, de, nesse ano, tentar dominar a técnica do «rolo invertido» — um penteado que, embora infinitamente importante e bastante desafiador para mim, *não era muito Vassar.*)

Nunca tinha encontrado ali o meu lugar, ainda que houvesse bastantes lugares para descobrir em Vassar. Naquela instituição, existiam todo o tipo de raparigas e cliques, mas nenhum me suscitava curiosidade nem me fazia sentir refletida. Naquele ano, tínhamos as revolucionárias políticas, que usavam as suas calças pretas sérias e discutiam opiniões a respeito do fomento internacional, mas eu não estava interessada no fomento internacional. (Continuo a não estar. Aquilo em que reparava, isso sim, era nas calças pretas, que achava fascinantemente chiques — desde que os bolsos não fossem salientes.) E havia em Vassar raparigas que eram ousadas exploradoras académicas, destinadas a tornar-se médicas e advogadas muito antes de muitas mulheres fazerem esse tipo de coisa. Devia ter-me interessado por essas, mas não me interessei. (Não as conseguia distinguir umas das outras, para começar. Usavam todas as mesmas saias de lã direitas e aparentemente feitas de camisolas velhas, o que só me deixava desanimada.)

Não que Vassar fosse *completamente* destituída de charme. Havia umas quantas sentimentais medievalistas de olhos de corça e bastante bonitas, e algumas artistas de cabelo comprido e enfiado, e umas socialites de alta estirpe, com perfis de galgos italianos — mas não fiz amizade com nenhuma delas. Talvez porque sentia que toda a gente naquela faculdade era mais esperta do que eu. (Não é inteiramente paranoia juvenil; mantenho a convicção de que toda a gente era *mesmo* mais esperta do que eu.)

Para ser honesta, não percebia o que estava a fazer na faculdade, para além de cumprir um destino cujo objetivo ninguém se dera ao trabalho de me explicar. Tinham-me dito, desde a mais tenra infância, que iria para Vassar, mas ninguém me explicou porquê. Para que era aquilo tudo? O que eu ia retirar dali, exatamente? E porque estava a viver naquele pequeno dormitório repolhudo, com uma convicta futura reformista social?

E, de qualquer maneira, já estava farta de aprender, por aquela altura. Já estudara durante anos na Escola para Raparigas Emma Willard, em Troy, Nova Iorque, com o seu brilhante e exclusivamente feminino corpo docente de formadas nas Seven Sisters — e não era isso suficiente? Andara num colégio interno desde os doze anos, e talvez sentisse que já tinha cumprido a minha pena. Quantos livros mais precisa uma pessoa de ler para provar que consegue ler um livro? Eu já sabia quem era Carlos Magno, por isso, que me deixassem em paz. Era assim que eu pensava.

Além disso, pouco depois de começarem as aulas em Vassar, tinha descoberto um bar em Poughkeepsie que oferecia cerveja barata e *jazz* ao vivo pela noite dentro. Descobrira uma forma de sair às escondidas do *campus* para frequentar esse bar (o meu ardiloso plano de fuga envolvia uma janela de casa de banho destrancada e uma bicicleta escondida — acredita, eu era a desgraça da vigilante), o que dificultava a absorção das conjugações do latim ao início da manhã, tendo em conta que costumava estar de ressaca.

E havia outros obstáculos.

Tinha aqueles cigarros todos para fumar, por exemplo.

Resumindo, andava ocupada.

Por conseguinte, num universo de 362 jovens mulheres inteligentes de Vassar, eu acabei no 361.º lugar — um facto que fez o meu

pai comentar, horrorizado: «Santo Deus, que andou a *outra* rapariga a fazer?» (A contrair poliomielite, veio-se a saber, coitada.) Por conseguinte, Vassar mandou-me para casa — é justo — e solicitou amavelmente que não regressasse.

A minha mãe não sabia o que fazer comigo. Não tínhamos a melhor das relações, para dizer o mínimo. Ela era uma cavaleira entusiástica e, dado que eu não era nem um cavalo nem fascinada por cavalos, nunca tínhamos muito sobre que conversar. E, agora, eu envergonhara-a tão profundamente com o meu fracasso que ela mal suportava olhar para mim. Ao contrário de mim, a minha mãe saíra-se bastante bem em Vassar, muito obrigada. (Turma de 1915. História e Francês.) O seu legado — e generosos donativos anuais — tinha assegurado a minha admissão naquela consagrada instituição, e agora olhem para mim. Sempre que se cruzava comigo pelos corredores da nossa casa, acenava-me com a cabeça como um diplomata de carreira. Educada, mas gélida.

O meu pai também não sabia o que fazer de mim, embora estivesse ocupado a gerir a sua mina de hematite e não se interessasse excessivamente pelo problema da filha. Eu desiludira-o, é certo, mas ele tinha preocupações maiores. Era um industrial e um isolacionista, e a escalada da guerra na Europa fazia-o temer pelo futuro do negócio. Suponho que andava distraído com tudo isso.

Quanto ao meu irmão mais velho, o Walter, andava a fazer coisas grandiosas em Princeton, e não perdia tempo a pensar em mim senão para reprovar o meu comportamento irresponsável. O Walter nunca tinha feito uma coisa irresponsável na vida. Fora tão respeitado pelos seus pares no colégio interno, que o alcunharam de — e não estou a inventar — *o Embaixador*. Agora, estudava Engenharia porque queria construir infraestruturas que ajudassem pessoas pelo mundo inteiro. (Junte-se ao meu catálogo de pecados o facto de eu, em contrapartida, nem saber ao certo o significado da palavra «infraestrutura».) Embora tivéssemos idades próximas — separados por uns meros dois anos —, o Walter e eu não tínhamos sido companheiros de brincadeiras desde pequeninos. O meu irmão guardara todas as suas coisas infantis quando andava por volta dos nove anos, e entre essas coisas infantis encontrava-se também a irmã. Eu não fazia parte da vida dele, e sabia-o.

As minhas amigas também avançavam com as suas vidas. Iam desaparecendo na faculdade, no trabalho, no casamento, no estado adulto — tudo assuntos pelos quais eu não tinha qualquer interesse nem tão-pouco compreendia. Assim, não havia ninguém à minha volta que se preocupasse comigo ou me entretivesse. Andava entediada e apática. Tão aborrecida que era como se tivesse dores de fome. Passei as primeiras duas semanas de junho a bater com uma bola de ténis contra a parede da garagem enquanto assobiava «Little Brown Jug» vezes sem conta, até, por fim, os meus pais se fartarem e me mandarem para a casa da minha tia na cidade, e, honestamente, quem os pode censurar?

Claro, podiam ter temido que Nova Iorque me transformasse em comunista, ou drogada, mas qualquer coisa tinha de ser melhor do que ouvir a filha a bater com uma bola de ténis na parede para o resto da eternidade.

Foi assim que vim para a cidade, Angela, e foi aí que tudo começou.

Enviaram-me para Nova Iorque de comboio — e que comboio fantástico que era. O *Empire State Express*, acabado de sair de Utica. Um cintilante e cromado dispositivo de entrega de filhas delinquentes. Despedi-me educadamente da minha mãe e do meu pai e entreguei a bagagem a um carregador, o que me fez sentir importante. Fui sentada no vagão-restaurant durante todo o percurso, a bebericar leite maltado, a comer peras de conserva, a fumar cigarros e a folhear revistas. Sabia que estava a ser expulsa, mas, mesmo assim... era *com estilo!*

Os comboios eram tão melhores naquela altura, Angela.

Prometo que farei os possíveis por não repetir uma e outra vez como era tudo tão melhor no meu tempo. Sempre detestei ouvir os velhos com esta lengalenga, quando era nova. (*Ninguém quer saber! Ninguém quer saber dessa tua Idade de Ouro, velha tagarela!*) E quero até garantir-te: tenho noção de que muitas coisas *não* eram melhores na década de 1940. Os desodorizantes e os ares-condicionados eram horrivelmente desadequados, por exemplo, pelo que toda a gente fedia como o raio, em especial no verão, e também tivemos o Hitler. Mas os comboios da altura eram inquestionavelmente melhores. Quando foi a última vez que pudeste apreciar um leite maltado e um cigarro no comboio?

Embarquei na carruagem usando um alegre vestidinho de raiom azul com padrão de cotovias, saia moderadamente justa e bolsos profundos nas ancas. Lembro-me tão claramente do vestido porque, primeiro, nunca esqueço o que qualquer pessoa veste, nunca *mesmo*, e depois porque fui eu a costurar a coisa. E fiz um belo trabalho. O franzido — que chegava a meio da barriga da perna — era sedutor e eficaz. Lembro-me de ter cosido no vestido uns chumaços de ombros adicionais, numa tentativa desesperada de parecer a Joan Crawford — embora não tenha a certeza de que o efeito funcionava. Com o meu modesto chapéu *cloche* e a simples carteira azul emprestada-pela-mãe (cheia de cosméticos, cigarros e não muito mais), não parecia uma sereia do grande ecrã, mas antes aquilo que realmente era: uma virgem de dezanove anos de visita a uma parente.

A acompanhar esta virgem de dezanove anos a caminho da cidade de Nova Iorque seguiam duas grandes malas — uma cheia com as minhas roupas, todas cuidadosamente embrulhadas em papel, e a outra cheia de tecidos, adereços e artigos de costura para poder fazer mais roupas. Também comigo seguia uma caixa robusta contendo a minha máquina de costura — uma besta pesada e impiedosa, complicada de transportar. Mas era a minha demente e linda alma-gémea, sem a qual não podia viver.

Por isso levei-a comigo.

Aquela máquina de costura — e tudo o que ela trouxe, subsequentemente, à minha vida — devo-a à avó Morris, por isso falemos dela só por um bocadinho.

Podes ler a palavra «avó», Angela, e talvez a tua mente evoque a imagem de uma velhinha doce de cabelos brancos. A minha avó não era nada disso. A minha avó era uma coquete alta e apaixonada, e envelhecida, com cabelo pintado de cor de mogno, que avançava pela vida numa pluma de perfume e mexericos e se vestia como uma artista de circo.

Era a mulher mais colorida do mundo — e digo isto em todos os sentidos da palavra «colorida». A minha avó usava vestidos de veludo em cores elaboradas — cores a que não chamava rosa, nem *bordeaux*, nem azul, como o resto do público desprovido de imaginação, mas que, em vez disso, referia como «cinzas de rosa» ou «cordovês» ou

«della Robbia». Tinha as orelhas furadas, ao contrário da maior parte das senhoras respeitáveis daquele tempo, e era dona de várias luxuosas caixas de joalheria cheias de uma confusão de fios, brincos e pulseiras, baratos e caros. Tinha uma roupa de automobilista para os seus passeios vespertinos no campo, e os chapéus dela eram tão grandes que exigiam o seu próprio assento no teatro. Gostava de gatos e de cosméticos encomendados pelo correio; adorava relatos de homicídios sensacionais nos jornais sensacionalistas; e era conhecida por escrever versos românticos. Mas, mais do que qualquer outra coisa, a minha avó adorava teatro. Ia ver todas as peças e espetáculos que aparecessem na cidade, e também adorava cinema. Acompanhava-a muitas vezes, já que possuíamos exatamente o mesmo gosto. (Tanto eu como a avó Morris gravitávamos para histórias com raparigas inocentes, de vestidos etéreos, que eram raptadas por homens perigosos de chapéus sinistros e salvas por outros homens de queixos orgulhosos.)

Obviamente, adorava-a.

O resto da família, contudo, não. A minha avó envergonhava toda a gente exceto eu. Envergonhava, em especial, a nora (a minha mãe), que *não era* uma pessoa frívola e que nunca deixava de estremecer perante a avó Morris, a quem se referiu uma vez como «aquela perpétua adolescente».

A minha mãe, escusado será dizer, não era conhecida por escrever versos românticos.

Mas foi a avó Morris que me ensinou a coser.

Era uma mestre da costura. (Tinha sido ensinada pela *sua* avó, que conseguira ascender da posição de criada imigrante irlandesa a influente dama americana numa única geração, graças, em grande parte, à sua perícia com a agulha.) A minha avó queria que eu também fosse uma mestre da costura. Por isso, quando não estávamos a comer caramelos no cinema, ou a ler uma à outra, em voz alta, artigos de revistas sobre o tráfico de escravos brancos, estávamos a costurar. E esse era um assunto sério. A avó Morris não tinha medo de exigir excelência da minha parte. Cosia dez pontos numa peça e depois mandava-me coser os dez seguintes — e se os meus não estivessem tão perfeitos como os dela, cortava-os e obrigava-me a repetir. Orientou-me no manuseamento de materiais tão impossíveis como o tule e a renda, até eu deixar de me

sentir intimidada com qualquer tecido, por mais temperamental que fosse. E estrutura! E acolchoado! E alfaiataria! Pelos meus doze anos, já seria capaz de te costurar um corpete (com barbatanas de baleia e tudo) — embora ninguém senão a avó Morris alguma vez tivesse necessitado de um corpete de barbatanas de baleia desde cerca de 1910.

Por mais severa que ela pudesse ser na máquina de costura, eu nunca me ressentia sob as mãos dela. As críticas dela ardiam, mas sem doer. Sentia-me suficientemente fascinada pela moda para querer aprender, e sabia que ela só desejava desenvolver as minhas capacidades.

Os seus elogios eram raros, mas alimentavam-me os dedos. Ganhei destreza.

Quando tinha treze anos, a avó Morris comprou-me a máquina de costura que me acompanharia mais tarde na viagem de comboio para Nova Iorque. Era uma elegante *Singer* 201 preta, criminosamente poderosa (podia-se coser couro com ela; eu podia ter estofado um *Bugatti* com aquela coisa!). É, até aos dias de hoje, o melhor presente que alguma vez recebi. Levei a *Singer* comigo para o colégio interno, onde me deu um enorme poder no seio daquela comunidade de raparigas privilegiadas que queriam vestir-se bem, mas não possuíam necessariamente as competências para o fazer. Quando se espalhou a notícia de que eu sabia costurar qualquer coisa — e, na verdade, sabia mesmo —, as outras raparigas da Emma Willard passaram a bater-me à porta, suplicando que lhes alargasse um cós, lhes fizesse uma bainha, ou pegasse no vestido formal de uma irmã mais velha e lhos ajustasse. Passei aqueles anos debruçada sobre a *Singer* como um artilheiro, e valeu a pena. Tornei-me popular — que é a única coisa que interessa, na verdade, num colégio interno. Ou em qualquer outro lado.

Devo dizer que a minha avó também me ensinou a costurar devido às formas estranhas do meu corpo. Desde a mais tenra infância que eu sempre fora demasiado alta, demasiado magricela. A adolescência veio e passou e só me tornei mais alta. Durante anos, não tive peito que se visse, e tinha um tronco que se prolongava até ao infinito. Os braços e pernas eram raminhos. Nada comprado numa loja me servia, por isso seria sempre melhor para mim fazer as minhas próprias roupas. E a avó Morris — bendita seja — ensinou-me a vestir-me de uma forma que valorizava a minha altura, em vez de me fazer parecer andar em cima de andas.

Pode parecer que estou a ser autodepreciativa a respeito do meu aspeto, mas não é isso. Estou apenas a transmitir os factos da minha fisionomia: era comprida e alta, mais nada. E se soar que me estou a preparar para te contar a história do patinho feio que vai para a cidade e descobre que afinal é bonito — não te preocupes, não é uma história dessas.

Sempre fui bonita, Angela.

Mais do que isso, sempre o soube.

Foi por ser tão bonita, de facto, que um homem no vagão-restaurante do *Empire State Express* se pôs a olhar para mim enquanto eu bebia o meu leite maltado e comia as peras em conserva.

Finalmente, aproximou-se e perguntou se me podia acender o cigarro. Concordei, e ele sentou-se e começou a meter-se comigo. Fiquei entusiasmada com a atenção, mas não sabia como corresponder. Por isso reagi aos avanços dele olhando pela janela e fingindo-me embrenhada em pensamentos. Franzi ligeiramente o sobrolho, esperando parecer séria e dramática, embora provavelmente só parecesse míope e confusa.

Esta cena teria sido ainda mais embaraçosa se eu não tivesse acabado por me distrair com o meu próprio reflexo na janela do comboio, o que me manteve ocupada durante um bom tempo. (Perdoa-me, Angela, mas ficar cativada pelo nosso próprio aspeto faz parte de se ser nova e bonita.) Afinal, nem sequer aquele atraente desconhecido era tão interessante como a forma das minhas sobranceiras. Não só estava interessada na perícia com que as arranjara — embora me encontrasse absolutamente *fascinada* por esse assunto — como, por acaso, tentara aprender nesse verão a erguer uma única sobranceira de cada vez, como a Vivien Leigh no *E Tudo o Vento Levou*. Praticar esse efeito exigia concentração, como deves imaginar. Por isso podes perceber como o tempo voou enquanto me perdia no meu próprio reflexo.

Quando voltei a erguer o olhar, já tínhamos chegado à Estação Grand Central, a minha nova vida estava prestes a começar e o homem atraente há muito desaparecera.

Mas, não te preocupes, Angela — eu tinha muitos outros homens atraentes à minha frente.

Ah! Devo também dizer-te — para o caso de queres saber que foi feito dela — que a minha avó Morris morreu cerca de um ano antes

de aquele comboio me depositar em Nova Iorque. Faleceu em agosto de 1939, poucas semanas antes de eu começar as aulas em Vassar. A morte dela não foi uma surpresa — havia anos que declinava — mas, mesmo assim, a sua perda (minha melhor amiga, minha mentora, minha confidente) desolou-me até ao fundo da alma.

Sabes uma coisa, Angela? Essa devastação pode ter tido alguma coisa a ver com o meu pobre desempenho no primeiro ano de faculdade. Talvez não tivesse sido uma aluna assim tão má, afinal. Talvez estivesse apenas *triste*.

Só agora, enquanto te escrevo, me apercebo desta possibilidade.

Oh, céus.

Por vezes, leva-se tanto tempo a perceber as coisas.

## DOIS

Seja como for, cheguei a Nova Iorque sã e salva — uma rapariga tão acabada de sair do choco que quase ainda vinha com gema no cabelo.

Em princípio, a tia Peg viria buscar-me à Grand Central. Os meus pais tinham-me informado disso enquanto eu embarcava no comboio em Utica naquela manhã, mas ninguém mencionara um plano em particular. Não me disseram onde devia esperar por ela. Também não me deram nenhum número de telefone para onde ligar em caso de emergência, nenhuma morada aonde ir ter, se desse por mim sozinha. Eu devia simplesmente «encontrar-me com a tia Peg na Grand Central», mais nada.

Bem, como o nome indica, a Estação Grand Central é mesmo grande, além de um lugar ideal para não se encontrar uma pessoa, por isso não surpreende que eu não tenha localizado a tia Peg quando cheguei. Fiquei montes de tempo espedada na plataforma, com a minha montanha de bagagem, a observar a estação apinhada de criaturas, nenhuma delas parecida com a tia Peg.

Não que eu soubesse como ela era. Já me encontrara com a minha tia algumas vezes, embora ela e o meu pai não fossem muito chegados. (Isto talvez seja um eufemismo. O meu pai não aprovava a tia Peg, tal como a mãe deles não aprovava. Sempre que o nome Peg era mencionado à mesa do jantar, o meu pai soltava um ronco de desdém pelo nariz e dizia: «Então não é tão bom? Andar a vadiar pelo mundo, viver na terra do faz-de-conta e gastar às centenas!» E eu pensava: *Por acaso, até parece...*)

A tia Peg viera a alguns Natais de família quando eu era pequena — mas não muitos, porque andava sempre na estrada com a sua companhia de teatro itinerante. A minha memória mais marcante dela era ter ido passar um dia a Nova Iorque, aos onze anos, acompanhando

o meu pai numa viagem de negócios. A Peg levou-me a andar de patins no Central Park e a visitar o Pai Natal. (Embora ambas concordássemos que eu já era demasiado crescida para o Pai Natal, não o teria perdido por nada deste mundo e fiquei secretamente entusiasmada por o conhecer.) Depois, almoçámos juntas num bufete. Foi um dos dias mais encantadores da minha vida. O meu pai e eu não dormimos na cidade porque ele detestava e desconfiava de Nova Iorque, mas foi um dia glorioso, posso garantir-te. Achei a minha tia fantástica. Prestou-me atenção como *peessoa*, não como criança, e isso é tudo para uma criança de onze anos que não quer ser vista como criança.

Mais recentemente, a tia Peg tinha ido à minha cidade natal de Clinton para o funeral da avó Morris, a mãe dela. Sentou-se ao meu lado durante a cerimónia religiosa e segurou-me na mão com a sua grande pata hábil. Este gesto consolou-me e surpreendeu-me ao mesmo tempo (a minha família não era de dar a mão, por mais chocante que isso te possa parecer). Depois do funeral, a Peg abraçou-me com a força de um lenhador e eu dissolvi-me nos seus braços, despejando um Niágara de lágrimas. Cheirava a sabonete de alfazema, cigarros e *gin*. Agarrei-me a ela como um pequeno coala trágico. Mas não pudemos passar muito tempo juntas depois do funeral. Ela precisou de partir de imediato, porque tinha um espetáculo para produzir na cidade. Senti-me envergonhada por me ter desfeito nos seus braços, por mais reconfortante que ela tivesse sido.

Mal a conhecia, afinal de contas.

De facto, o que se segue é absolutamente tudo o que eu sabia sobre a minha tia Peg, por altura da minha chegada a Nova Iorque com dezanove anos:

Sabia que a Peg era dona de um teatro chamado Lily Playhouse, localizado algures no centro de Manhattan.

Sabia que não tinha planeado uma carreira no teatro, mas que esse trabalho lhe acontecera por acaso.

Sabia que se formara como enfermeira da Cruz Vermelha, curiosamente, e que estivera destacada em França durante a Primeira Guerra Mundial.

Sabia que, algures ao longo desse caminho, a Peg descobrira que tinha muito mais talento para organizar entretenimento para

os soldados feridos do que para lhes tratar dos ferimentos. Tinha jeito, descobriu, para montar espetáculos em hospitais de campo e casernas, espetáculos baratos, rápidos, espalhafatosos e cómicos. A guerra é uma coisa horrível, mas ensina *alguma coisa* a toda a gente; esta guerra em particular ensinou a minha tia Peg a organizar um espetáculo.

Sabia que a Peg tinha ficado bastante tempo em Londres, depois do fim da guerra, a trabalhar em teatro. Andava a produzir uma revista no West End quando conheceu o seu futuro marido, Billy Buell — um atraente e elegante oficial do exército americano que também tinha decidido permanecer em Londres no fim da guerra, para fazer carreira no teatro. Como a Peg, o Billy era «alguém». A avó Morris costumava descrever a família Buell como «enjoativamente rica». (Levei anos a perceber o significado exato dessa expressão. A minha avó venerava a riqueza; quanta riqueza seria necessária para ser qualificada como «enjoativa»? Um dia fiz-lhe, por fim, a pergunta, e ela respondeu, como se isso explicasse tudo: «Eles são de *Newport*, querida.») Mas, por muito que fosse de Newport, Billy Buell assemelhava-se à Peg na forma como rejeitara a classe culta de onde provinha. Preferia a dureza e o brilho do mundo do teatro à polidez e repressão da sociedade dos cafés chiques. Além disso, era um *playboy*. Gostava da «boa vida», dizia a avó Morris, o que era a sua expressão educada para «beber, gastar dinheiro e andar atrás de mulheres».

Depois do casamento, o Billy e a Peg Buell regressaram à América. Juntos, criaram uma companhia de teatro itinerante. Passaram a maior parte da década de 1920 na estrada com uma pequena trupe, viajando de cidade em cidade por todo o país. O Billy escrevia e protagonizava as revistas; a Peg produzia-as e encenava-as. O casal nunca teve pretensões desmesuradas. Estavam apenas a divertir-se e a evitar as mais típicas responsabilidades adultas. Mas, apesar de todo o seu esforço para não serem bem-sucedidos, o êxito, por acaso, foi atrás deles e acabou por os apanhar.

Em 1930 — com a Depressão a agravar-se e a nação trémula e assustada —, a minha tia e o marido criaram acidentalmente um grande êxito. O Billy escreveu uma peça chamada *Um Caso Divertido*, que era tão alegre e cómica que as pessoas a devoraram. *Um Caso*

*Divertido* era uma farsa musical sobre uma aristocrática herdeira britânica que se apaixona por um *playboy* americano (representado por Billy Buell, naturalmente). Era uma coisa ligeirinha, como tudo o resto que já tinham levado a cena, mas foi um sucesso estrondoso. Por toda a América, mineiros e agricultores famintos de prazer reuniam todos os trocos que traziam nos bolsos para poderem ver *Um Caso Divertido*, fazendo desta simples e pouco cerebral peça teatral um triunfo rentável. A peça ganhou tal impulso, de facto, e reuniu elogios tão abundantes nos jornais locais que, em 1931, o Billy e a Peg a levaram para Nova Iorque, onde ficou durante um ano num preeminente teatro da Broadway.

Em 1932, a MGM fez uma versão cinematográfica de *Um Caso Divertido* — que o Billy escreveu, mas não protagonizou. (Foi William Powell que ficou com o papel. Por essa altura da vida, o Billy tinha concluído que a vida de escritor era mais fácil do que a de ator. Os escritores podem trabalhar no horário que bem entenderem, não estão à mercê de um público e não têm um realizador a dizer-lhes o que devem fazer.) O sucesso de *Um Caso Divertido* gerou uma série de sequelas lucrativas (*Um Divórcio Divertido*, *Um Bebê Divertido*, *Um Safari Divertido*) que Hollywood fabricou durante alguns anos como salsichas numa charcutaria. Todo o projeto *Divertido* resultou em montes de dinheiro para o Billy e a Peg, mas também marcou o fim do casamento. O Billy apaixonou-se por Hollywood e nunca de lá regressou. Quanto à Peg, decidiu pôr um ponto final na companhia itinerante e usar a sua metade dos direitos do *Divertido* para comprar um teatro velho e decrépito em Nova Iorque: o Lily Playhouse.

Tudo isto aconteceu por volta de 1935.

O Billy e a Peg nunca se divorciaram oficialmente. E, embora parecesse não haver ressentimentos entre eles, depois de 1935 também ninguém lhes poderia propriamente chamar «casados». Não partilhavam nem lar nem profissão, e, por insistência da Peg, também já não partilhavam as finanças — o que significava que todo o cintilante dinheiro de Newport ficou fora do alcance da minha tia. (A avó Morris não percebia por que estava a Peg disposta a virar costas à fortuna do Billy, limitando-se a comentar acerca da filha, com clara desilusão: «A Peg

nunca quis saber de dinheiro, infelizmente.») A minha avó especulava que a Peg e o Billy nunca se tinham divorciado oficialmente porque eram «demasiado boémios» para se preocuparem com tais questões. Ou talvez ainda se amassem. Só que o amor deles era daqueles que só prosperam quando marido e mulher estão separados pela distância de um continente inteiro. («Não te rias», dizia a minha avó. «Há muitos casamentos que funcionam melhor assim.»)

A única coisa que sei é que o tio Billy esteve fora de cena durante toda a minha jovem vida — primeiro porque estava em digressão e mais tarde porque se instalara na Califórnia. Estava tão fora de cena, que nunca cheguei a conhecê-lo. Para mim, Billy Buell era um mito, composto por histórias e fotografias. E que histórias e fotografias glamorosas! Eu e a avó Morris víamos com frequência a fotografia do Billy nas revistas cor-de-rosa de Hollywood, ou líamos a seu respeito nas colunas de mexericos do Walter Winchell e da Louella Parsons<sup>1</sup>. Ficámos *extasiadas*, por exemplo, quando soubemos que ele tinha sido convidado para o casamento da Jeanette MacDonald e do Gene Raymond! Até apareceu na *Variety* uma fotografia dele no copo-d'água, mesmo atrás da luminosa Jeanette MacDonald, com o seu vestido de noiva rosa-pálido. Na foto, o Billy está a conversar com a Ginger Rogers e o marido da altura, Lew Ayres. A minha avó apontou-me o Billy e disse:

— Cá está ele, a fazer conquistas pelo país inteiro, como de costume. E olha só a maneira como a Ginger lhe sorri! Se eu fosse o Lew Ayres, ficava de olho na minha mulher.

Observei atentamente a fotografia, usando a lupa da minha avó. Vi um homem louro e elegante vestido de *smoking* e com a mão no braço da Ginger Rogers, enquanto ela, de facto, o olhava com um ar deliciado. O Billy parecia mais uma estrela de cinema do que as verdadeiras estrelas de cinema que o rodeavam.

Achei extraordinário que esta pessoa fosse casada com a minha tia Peg.

A Peg era maravilhosa, claro, mas era tão *simples*.

Que diabo teria ele visto nela?

<sup>1</sup> Famosos colunistas sociais americanos. (*N. da T.*)

Não consegui encontrar a Peg em lado nenhum.

Já tinha passado tempo suficiente para abandonar oficialmente a esperança de ser recebida na plataforma do comboio. Despachei a minha bagagem com um carregador e andei a vaguear por entre a apressada massa de humanidade que era a Grand Central, tentando encontrar a minha tia no meio da confluência. Talvez penses que me senti inquieta ao dar por mim sozinha em Nova Iorque, sem plano nem acompanhante, mas, por alguma razão, isso não aconteceu. (Talvez isto seja uma marca do privilégio: certas jovens de bem não conseguem, simplesmente, *conceber* a possibilidade de não aparecer alguém dentro de pouco tempo para as salvar.)

Por fim, desisti de vaguear e sentei-me num banco instalado num local preeminente no átrio principal, para esperar a minha salvação.

E, enfim, com o tempo, acabei por ser encontrada.

A minha salvadora chegou sob a forma de uma mulher baixa, de cabelo grisalho, vestida com um modesto fato cinzento, que me abordou da maneira como um são-bernardo aborda um esquiador perdido — com dedicada concentração e séria intenção de salvar uma vida.

«Modesto» não é, na verdade, uma palavra suficientemente forte para descrever o fato que aquela mulher usava. Era um bloco de cimento assertoado e quadrado — o tipo de vestuário intencionalmente concebido para fazer o mundo pensar que as mulheres não possuem seios, cinturas nem ancas. Pareceu-me uma importação britânica. Era um susto. A mulher também tinha volumosos sapatos pretos rasos, de cordões, e um chapéu de lã verde antiquado, do tipo que as mulheres que governam orfanatos adoram. Conhecera o género no colégio interno: ela parecia daquelas solteironas que bebiam *Ovomaltine* ao jantar e faziam gargarejos com água salgada para obter vitalidade.

Era um mono de uma ponta à outra, e, mais do que isso, era um mono *de propósito*.

Este tijolo de mulher aproximou-se de mim com grande sentido de missão e sobrolho franzido, segurando uma fotografia de tamanho desconcertante numa moldura ornada de prata. Olhou atentamente para a fotografia e depois para mim.

— És a Vivian Morris? — interrogou. O seu sotaque acentuado denunciou que o fato assertado não era a única severa importação britânica à vista.

Concedi que sim, era.

— Estás crescida — disse ela.

Fiquei confusa. Conhecia esta mulher? Tê-la-ia conhecido quando era mais nova?

Vendo a minha confusão, a desconhecida mostrou-me a fotografia emoldurada nas suas mãos. Percebi, espantada, que se tratava de um retrato da minha própria família, de alguns anos antes. Era uma fotografia que tínhamos tirado num estúdio, quando a minha mãe decidira que necessitávamos de ficar, nas suas palavras, «oficialmente documentados, para variar». Ali estavam os meus pais, a tolerar a indignidade de serem fotografados por um profissional. Ali estava o meu irmão Walter, de ar pensativo, a mão no ombro da minha mãe. E ali estava uma versão mais desengonçada e mais jovem da minha pessoa, com um vestido de marinheiro demasiado infantil para a minha idade.

— Chamo-me Olive Thompson — anunciou a mulher, numa voz que indicava estar habituada a fazer anúncios. — Sou secretária da tua tia. Ela não teve possibilidade de vir. Houve uma emergência no teatro. Um pequeno incêndio. Pediu-me para te vir buscar. As minhas desculpas por te ter feito esperar. Estou aqui há várias horas, mas, como a minha única forma de te identificar era esta foto, levei algum tempo a localizar-te. Como podes ver.

Tive vontade de rir, naquela altura, e tenho vontade de rir agora só de me lembrar. A ideia desta mulher seca de meia-idade a andar às voltas pela Estação Grand Central com uma fotografia gigante numa moldura de prata — uma moldura que parecia ter sido arrancada à pressa da parede de uma pessoa rica qualquer (como acontecera, de facto) — e a olhar para cada rosto, tentando comparar a pessoa à sua frente com o retrato de uma rapariga tirado quatro anos antes, parecia-me maliciosamente cómica. Como teria escapado à minha atenção?

Olive Thompson, porém, não parecia achar isto nada cómico.

Pouco tempo demorei a perceber que isso era típico nela.

— As tuas malas — disse-me. — Podes ir buscá-las. Depois apanhamos um táxi para o Lily. O último espetáculo já começou. Agora despacha-te. Nada de tolices.

Caminhei obedientemente atrás dela, uma patinha a seguir a mãe-pata.

Sem tolices.

Pensei: «Um pequeno incêndio?» Mas não tive coragem de fazer perguntas.

## TRÊS

Uma pessoa só pode mudar-se pela primeira vez para Nova Iorque *uma vez na vida*, Angela, e é uma coisa impressionante.

Talvez a ideia não contenha nada de romântico para ti, uma vez que és nova-iorquina de nascença. Talvez já nem liguês muito a esta cidade esplêndida. Ou talvez a ames mais do que eu, à tua própria maneira inimaginavelmente íntima. Foi sem dúvida uma sorte seres aqui criada. Mas nunca tiveste a oportunidade de te *mudares* para cá — e, por isso, lamento. Perdeste uma das maiores experiências da vida.

Nova Iorque em 1940!

Nunca haverá outra Nova Iorque como aquela. Não estou a dizer mal de todas as Nova Iorques que existiram antes de 1940 nem das que vieram depois de 1940. Todas têm a sua importância. Mas esta é uma cidade que nasce de novo nos olhos frescos de cada jovem que aqui chega pela primeira vez. Por isso, *essa* cidade, *esse* lugar — recém-criado apenas para os meus olhos — nunca voltará a existir. Está preservada para sempre na minha memória, como uma orquídea presa num pisa-papéis. Aquela cidade será para sempre a minha Nova Iorque perfeita.

Tu podes ter a tua Nova Iorque perfeita, outras pessoas podem ter a delas — mas aquela será sempre a minha.

Não era uma viagem longa de Grand Central ao Lily Playhouse — limitámo-nos a seguir a direito pela cidade —, mas o nosso táxi levou-nos pelo coração de Manhattan, e essa é sempre a melhor maneira de um recém-chegado sentir o músculo de Nova Iorque. Eu estava absolutamente empolgada por me encontrar na cidade e queria olhar para tudo ao mesmo tempo. Mas depois lembrei-me das boas maneiras e esforcei-me por fazer conversa com a Olive. A Olive, contudo, não era o tipo de pessoa que sente que o ar necessita de ser constantemente preenchido com palavras, e as suas respostas peculiares só me suscitavam mais

perguntas — perguntas que sentia que ela não se mostraria disposta a discutir com mais profundidade.

— Há quanto tempo trabalha para a minha tia? — perguntei-lhe.

— Desde que o Moisés andava de fraldas.

Ponderei nesta resposta por um momento.

— E quais são as suas funções no teatro?

— Apanhar as coisas que estão a cair, antes que atinjam o chão e se desfaçam.

Continuámos a viagem em silêncio, enquanto eu assimilava *aquilo*.

Tentei mais uma vez:

— Que espécie de espetáculo vão fazer esta noite?

— Um musical. Chama-se *Vida com a Mãe*.

— Ah! Já ouvi falar.

— Não, não ouviu. Está a pensar no *Vida com o Pai*. Foi uma peça que estive na Broadway o ano passado. A nossa chama-se *Vida com a Mãe*. E a nossa é um musical.

*Será legal?*, perguntei-me. Posso mesmo pegar no título de um grande êxito da Broadway, mudar duas palavrinhas e torná-lo meu? (A resposta a esta pergunta — pelo menos em 1940, no Lily Playhouse — era: claro que sim.)

Perguntei:

— Então e se as pessoas comprarem bilhetes para este espetáculo por engano, pensando que vão ver o *Vida com o Pai*?

Olive, monocórdica:

— Sim. Não seria uma infelicidade.

Começava a sentir-me jovem e estúpida e irritante, por isso parei de falar. Durante o resto da viagem de táxi, limitei-me a olhar pela janela. Era bastante interessante ver a cidade passar. Havia glórias para ver em todas as direções. O final da tarde dava lugar a uma bonita noite de verão na Baixa de Manhattan, e nada podia ser melhor do que isso. Tinha acabado de chover. O céu estava dramático e púrpura. Eu via de relance os arranha-céus espelhados, letreiros de néon e ruas molhadas a reluzir. Havia pessoas a andar depressa, a correr, a passear e a cambalear nos passeios. Quando passámos por Times Square, montanhas de luzes artificiais projetavam a sua lava de cintilantes novidades e rápida publicidade. Salões de jogos e salões de baile e

salas de cinema e cafeterias e teatros passavam rapidamente por mim, enfeitando-me o olhar.

Virámos para a Rua 41, entre a Oitava e a Nona Avenidas. Não era uma rua linda, nessa altura, e continua a não ser nos dias de hoje. Naquele tempo, era, acima de tudo, um emaranhado de saídas de incêndio para os mais importantes edifícios virados para as Ruas 40 e 42. Mas ali, no meio daquele quarteirão desengraçado, ficava o Lily Playhouse, o teatro da minha tia Peg — todo iluminado com um cartaz que dizia *Vida com a Mãe*.

Ainda o consigo ver na mente. O Lily era um trambolho, enorme, construído num estilo que sei agora ser *art nouveau*, mas que na altura reconheci apenas como *pesado*. E, caramba, aquele vestíbulo dava-se a todos os trabalhos para te provar que tinhas chegado a um sítio importante. Todo ele era gravidade e escuridão — madeiras suntuosas, tetos de painéis trabalhados, chão de mosaico vermelho-sangue e severos candeeiros antigos da Tiffany. As paredes estavam cobertas de pinturas, sujas de tabaco, que representavam ninfas de seios nus a divertir-se com bandos de sátiros — e parecia mesmo que uma das ninfas estava prestes a meter-se no tipo de sarilhos que resultam numa barriga grande, se não tivesse cuidado. Outros murais mostravam homens musculados de pernas heroicas a lutar com monstros marinhos numa forma que parecia mais erótica do que violenta. (Ficava-se com a sensação de que os homens musculados *não queriam* vencer a luta, se é que me entendes.) Outros murais mostravam dríades a debater-se para sair de árvores, atirando-se de mamas para a frente, enquanto náíades chafurdavam num rio próximo, atirando água aos troncos nus umas das outras, num espírito que era muito *iupiii!*. Intrincados entalhados de vinhas e glicínias (e lírios, claro!) trepavam por cada coluna. O efeito era, basicamente, bordel. Adorei.

— Vou levar-te diretamente para o espetáculo — disse a Olive, consultando o relógio —, que está quase a acabar, graças a Deus.

Empurrou as grandes portas que conduziam à sala de teatro propriamente dita. Lamento informar que Olive Thompson entrou no seu local de trabalho com o semblante de alguém que preferiria não ter de tocar em nada lá dentro; já eu, eu fiquei ofuscada. O interior do teatro era verdadeiramente estonteante — uma caixa de joias enorme,

dourada, desvanecida, velha. Observei-o de alto a baixo — o palco a descair no centro, os maus ângulos de visão, as pesadas cortinas púrpura, o acanhado poço de orquestra, o teto excessivamente dourado, o ameaçador candelabro cintilante para o qual não era possível olhar sem pensar «E se aquela coisa caísse...?».

Era tudo grandioso, estava tudo a desagregar-se. O Lily lembrou-me a avó Morris — não só porque a minha avó adorava velhas casas de teatro garridas como aquela, mas também porque se *parecia* com ela: velha, excessivamente produzida e orgulhosa, e toda aperaltada com veludo fora de moda.

Encostámo-nos à parede do fundo, embora houvesse bastantes lugares onde nos poderíamos sentar. Não havia, aliás, muito mais pessoas no público do que no palco, ao que parecia. Não fui a única a reparar nesse facto. A Olive fez uma rápida contagem, escreveu o número num pequeno bloco de apontamentos que retirou do bolso e suspirou.

Quanto ao que se estava a passar no palco, era de deixar a cabeça a andar à roda. De facto, aquilo tinha de ser o final do espetáculo, porque havia *muita coisa* a acontecer ao mesmo tempo. Ao fundo do palco estava uma fila de cerca de doze dançarinos — raparigas e rapazes — a sorrir loucamente enquanto projetavam os membros aos céus poeirentos. Ao centro, um jovem atraente e uma rapariga vigorosa dançavam sapateado como se a sua vida dependesse disso, enquanto cantavam a plenos pulmões que tudo ia ficar bem a partir de agora, amor, porque tu e eu estamos *apaixonados!* No lado esquerdo do palco via-se uma falange de coristas, cujos trajes e movimentos as mantinham mesmo à justa no lado certo da permissibilidade moral, mas cuja contribuição para a história — fosse qual fosse a história — não era evidente. A sua tarefa parecia ser ficar de pé, com os braços estendidos, e virarem-se lentamente para que pudéssemos observar todas as qualidades amazónicas das suas formas, de todos os ângulos, à nossa vontade. No outro lado do palco, um homem vestido de pedinte fazia malabarismo com pinos de *bowling*.

Mesmo para final de espetáculo, demorou um horror de tempo. A orquestra continuava a tocar estrondosamente, a fileira de dançarinos dava pontapés no ar, o feliz e ofegante casal não acreditava em como as suas vidas se iam tornar fantásticas, as coristas exibiam lentamente

as formas, o malabarista ejetava os pinos e suave — até que, de repente, com uma explosão de todos os instrumentos ao mesmo tempo e um turbilhão de luzes e um louco agitar dos braços de toda a gente no ar ao mesmo tempo, acabou!

Aplausos.

Não aplausos estrondos. Foi mais um chuvisco de aplausos.

A Olive não aplaudiu. Eu fi-lo educadamente, embora as minhas palmas a bater soassem um pouco solitárias, ali ao fundo da sala. Os aplausos não duraram muito tempo. Os artistas tiveram de sair do palco num meio silêncio, o que nunca é bom. O público passou por nós com ar ordeiro, como trabalhadores a caminho de casa depois de um dia de trabalho — que era exatamente o que eles eram.

— Acha que gostaram? — perguntei à Olive.

— Quem?

— O público.

— O *público*? — A Olive pestanejou, como se nunca lhe tivesse ocorrido perguntar-se o que o público pensava de um espetáculo. Após uma breve ponderação, respondeu: — Tens de compreender, Vivian, o nosso público não está muito excitado quando chega ao Lily nem transborda de êxtase quando sai.

Pela maneira como disse isto, parecia aprovar esse estado de coisas, ou pelo menos aceitá-lo.

— Anda — continuou. — A tua tia está nos bastidores.

Fomos, por conseguinte, para os bastidores — e diretamente para o centro do atarefado e gratuito clamor que sempre irrompe nas coxias no final de um espetáculo. Toda a gente a mover-se, toda a gente a gritar, toda a gente a fumar, toda a gente a despir-se. Os dançarinos acendiam cigarros uns aos outros e as coristas removiam os toucados. Alguns homens de fato-de-macaco arrastavam adereços de um lado para o outro, mas não de uma forma que os fizesse transpirar muito. Havia montes de gargalhadas sonoras e exageradas, mas não por alguma coisa particularmente engraçada; era só porque eram pessoas do mundo do espetáculo, e é assim que elas são sempre.

E lá estava a minha tia Peg, tão alta e sólida, de prancheta na mão. O cabelo castanho-acinzentado estava cortado num estilo curto mal estudado que a fazia parecer um pouco a Eleanor Roosevelt, mas com

um queixo melhor. A Peg usava uma saia comprida de sarja cor de salmão e o que podia ser uma camisa de homem. Também vestia meias azuis até aos joelhos e mocassins beges. Se te parece uma combinação fora de moda, é porque era mesmo. Estava fora de moda naquela altura, seria fora de moda hoje e vai continuar fora de moda até o Sol explodir. Nunca ninguém ficou bonito com uma saia de sarja salmão, camisa azul, meias pelos joelhos e mocassins.

Aquele aspeto desajeitado era aliviado apenas pelo facto de ela falar com duas das mais deslumbrantes coristas da peça. A maquilhagem de cena dava-lhes um *glamour* fenomenal, e tinham o cabelo apanhado em sedosos cachos no alto das cabeças. Usavam roupões de seda rosa por cima dos figurinos e eram as visões de feminilidade mais abertamente sexual que eu alguma vez tinha visto. Uma das coristas era uma loura — *platinada*, na verdade — com um corpo que teria feito a Jean Harlow ranger os dentes de desesperada inveja. A outra era uma morena ardente em cuja excepcional beleza eu já tinha reparado desde o fundo do teatro. (Embora não deva receber nenhum crédito especial por reparar em como esta mulher em particular era fabulosa; um marciano teria reparado... *desde Marte*.)

— Vivvie! — gritou a Peg, e o seu sorriso iluminou o meu mundo.  
— Chegaste, miúda!

*Miúda!*

Nunca ninguém me chamara miúda, e, por alguma razão, aquilo deu-me vontade de lhe correr para os braços e chorar. Também foi muitíssimo encorajador ouvir dizer que eu *tinha chegado* — como se tivesse sido bem-sucedida nalguma coisa! Na verdade, não tinha feito nada mais impressionante do que ser expulsa da faculdade, e depois expulsa da casa dos meus pais, e, finalmente, andar perdida na Estação Grand Central. Mas o prazer dela ao ver-me foi como um bálsamo. Senti-me tão bem-vinda. Não apenas bem-vinda, mas desejada.

— Já conheceste a Olive, a tratadora do nosso jardim zoológico — disse a Peg. — E esta é a Gladys, a nossa dançarina principal...

A rapariga com cabelo platinado sorriu, rebentou um balão de pastilha elástica e disse:

— 'Tás boa?

— ...e esta é a Celia Ray, uma das nossas coristas.

A Celia estendeu o braço de sílfide e disse baixinho:

— Prazer. Encantada em conhecer-te.

A voz da Celia era incrível. Não era só o sotaque cerrado de Nova Iorque; era o tom grave profundo. Era uma corista com a voz do Lucky Luciano.<sup>2</sup>

— Comeste? — perguntou-me a Peg. — Estás esfomeada?

— Não — disse. — Não diria *esfomeada*. Mas não jantei.

— Então, vamos sair. Vamos beber uns litros de álcool e pôr a conversa em dia.

A Olive interrompeu-a.

— A bagagem da Vivian ainda não foi para cima, Peg. Ainda tem as malas no átrio. Ela teve um dia muito comprido e deve precisar de se lavar. Além disso, devíamos dar as notas ao elenco.

— Os rapazes podem trazer as coisas para cima — resolveu a Peg. — E ela parece-me suficientemente lavada. E o elenco não precisa de notas.

— O elenco precisa sempre de notas.

— Podemos tratar disso amanhã — foi a vaga resposta da Peg, que não pareceu satisfazer a Olive de todo. — Não quero falar de trabalho agora. Estou capaz de *assassinar* uma refeição, e, pior, tenho uma sede tremenda. Vamos sair?

Por esta altura, a Peg parecia suplicar pela autorização da Olive.

— Esta noite não pode ser, Peg — declarou a Olive, com firmeza. — Foi um dia muito longo. A rapariga precisa de descansar e de se instalar. A Bernadette deixou um rolo de carne lá em cima. Posso fazer umas sanduíches.

A Peg pareceu um pouco abatida, mas voltou a animar-se no minuto seguinte.

— Então, vamos para cima! — exclamou. — Anda, Vivvie! Vamos embora!

Eis uma coisa que aprendi, com o tempo, a respeito da minha tia: sempre que ela dizia «vamos!», queria dizer que quem quer que estivesse ao alcance da sua voz também estava convidado. A Peg movia-se sempre

<sup>2</sup> Mafioso de origem siciliana, considerado o pai do crime organizado moderno nos Estados Unidos. (*N. da T.*)

no meio de uma multidão, e não era esquisita a respeito de quem a compunha.

Foi assim que o nosso grupo dessa noite — reunido no andar de cima, a zona de habitação do Lily Playhouse — incluiu não apenas eu, a tia Peg e a sua secretária, Olive, mas também a Gladys e a Celia, as coristas. Uma adição de última hora foi um infeliz rapaz que a Peg apanhou quando se dirigia para a porta do palco. Reconheci-o como um dos bailarinos do espetáculo. Quando o vi mais de perto, percebi que parecia ter uns catorze anos. Também aparentava precisar bastante de uma refeição.

— Roland, vem jantar connosco lá a cima — chamou a Peg.

Ele hesitou.

— Oh, não quero incomodar, Peg.

— Não te preocupes, querido, temos bastante comida. A Bernadette fez um rolo de carne gigantesco. Há suficiente para todos.

Quando a Olive pareceu prestes a protestar qualquer coisa, a Peg fê-la calar:

— Ó Olive, não te faças de governanta. Posso partilhar o meu jantar aqui com o Roland. Ele precisa de engordar uns quilinhos e eu preciso de os perder, por isso calha bem. De qualquer maneira, estamos mais ou menos solventes. Podemos-nos dar ao luxo de alimentar mais algumas bocas.

Dirigimo-nos para as traseiras do teatro, onde uma larga escadaria dava acesso ao andar superior do Lily. Enquanto subíamos as escadas, não conseguia deixar de olhar para aquelas duas coristas. Celia e Gladys. Nunca tinha visto beldades como aquelas. Já tinha conhecido raparigas do teatro quando estava no colégio interno, mas aquilo era diferente. As raparigas do teatro na Emma Willard tendiam a ser o tipo de mulheres que nunca lavavam o cabelo e usavam sempre grossas malhas pretas, e cada uma delas julgava ser a Medeia, o tempo todo. Não as suportava. Mas a Gladys e a Celia... era toda uma categoria diferente. Era toda uma *espécie* diferente. Fiquei fascinada pelo *glamour*, os sotaques, a maquilhagem, o ondular dos seus traseiros envoltos em seda. Quanto ao Roland, movia o corpo exatamente da mesma maneira. Também ele era uma criatura fluida, ondulante. A rapidez com que falavam! E a forma cativante como soltavam abreviadas sugestões de mexericos, como *confetti* coloridos.

— Ela só se safa por ser bonita! — estava a Gladys a dizer, sobre uma rapariga qualquer.

— Nem sequer é por ser bonita! — acrescentou o Roland. — Só por causa das *pernas!*

— Bem, isso não chega! — sugeriu a Gladys.

— Mas nesta temporada já está — continuou a Celia. — *Talvez.*

— Aquele namorado dela também não ajuda.

— Aquele idiota!

— Mas está sempre a emborcar champanhe.

— Ela devia dizer-lhe!

— Ele não está propriamente ansioso por isso!

— Quanto tempo consegue uma rapariga ganhar a vida como arrumadora numa sala de cinema?

— Mas anda por aí com aquele diamante lindo.

— Ela devia pensar de maneira mais razoável.

— Ela devia era arranjar um pacóvio.

Quem eram as *peessoas* acerca de quem estavam a conversar? O que era esta *vida* que estava a ser sugerida? E quem era a pobre rapariga alvo de discussão na escadaria? Como poderia ela alguma vez ser mais do que uma mera arrumadora numa sala de cinema, se não começasse a pensar de forma mais *razoável*? Quem lhe dera o diamante? Quem pagava o champanhe todo? Eu *preocupava-me* com todas estas coisas! Estas coisas importavam! E que raio era um pacóvio?

Nunca tinha ficado mais desesperada por saber como uma história terminava, e esta história nem sequer tinha enredo — apenas personagens sem nome, indícios de ação louca e um sentido de crise iminente. O meu coração batia disparadamente com a excitação — e o teu também bateria, se fosses uma rapariga de dezanove anos frívola como eu, que nunca tinha tido um pensamento sério na vida.

Chegámos a um patamar mal iluminado e a Peg destrancou uma porta e fez-nos todos entrar.

— Bem-vinda a casa, miúda — disse.

«Casa», no mundo da tia Peg, correspondia aos segundo e terceiro pisos do Lily Playhouse. Eram os aposentos habitacionais. O primeiro andar do edifício — como viria a saber mais tarde — era espaço de escritório. O rés do chão, claro, era o teatro em si, que já te descrevi.

Mas os segundo e terceiro pisos eram a *casa*, aonde agora tínhamos chegado.

A Peg não tinha talento para decoração de interiores, percebi de imediato. O seu gosto (se é que se lhe poderia dar esse nome) inclinava-se para as antiguidades pesadas e ultrapassadas, cadeiras desemparelhadas, e uma aparente confusão quanto ao lugar onde deviam estar as coisas. Vi que a Peg possuía o mesmo tipo de pinturas escuras e infelizes que os meus pais (herdados dos mesmos parentes, sem dúvida). Desvanecidas figuras de cavalos e retratos de velhos *quakers*. Havia também uma quantidade razoável de velhas pratas e porcelanas com um aspeto familiar espalhados por ali — castiçais e conjuntos de chá e coisas do género — e algumas dessas coisas pareciam valiosas, mas quem poderia saber? Nada daquilo parecia usado ou amado. (Havia, no entanto, cinzeiros em todas as superfícies, e esses eram definitivamente usados e amados.)

Não digo que a casa fosse uma espelunca. Não estava suja; só não estava *arranjada*. Vi de relance uma sala de jantar formal — ou, antes, o que poderia ter sido uma sala de jantar formal na casa de outra pessoa, só que ali tinha sido colocada uma mesa de pingue-pongue mesmo no meio da divisão. Ainda mais curioso, a mesa de pingue-pongue estava posicionada diretamente por baixo de um candelabro baixo, o que devia dificultar a disputa de partidas.

Aterrámos numa sala de estar de proporções generosas — um espaço suficientemente grande para poder ser atulhado de mobília e, ao mesmo tempo, albergar um piano de cauda, empurrado sem cerimónias contra a parede.

— Quem precisa de alguma coisa do departamento da garrafa e jarro? — perguntou a Peg enquanto se dirigia ao bar, a um canto. — Martínis? Alguém? Toda a gente?

A resposta retumbante pareceu ser: *Sim! Toda a gente!*

Bem, quase toda a gente. A Olive declinou uma bebida e franziu o sobrolho enquanto a Peg servia os martínis. Parecia calcular o preço de cada *cocktail* até ao último *penny* — coisa que provavelmente estava mesmo a fazer.

A minha tia passou-me o meu martíni tão descontraidamente como se eu e ela fôssemos para os copos juntas há séculos. Foi delicioso

para mim. Senti-me adulta. Os meus pais bebiam (claro que bebiam; eram WASP<sup>3</sup>) mas nunca bebiam comigo. Eu sempre tivera de beber às escondidas. Mas, pelos vistos, esses tempos chegavam ao fim.

*Saúde!*

— Vou acompanhar-te aos teus aposentos — anunciou a Olive.

A secretária da Peg conduziu-me por um labirinto e abriu uma das portas.

— Este é o apartamento do teu tio Billy. A Peg gostava que ficasses aqui, por agora.

Fiquei surpreendida.

— O tio Billy tem um apartamento aqui?

A Olive suspirou.

— É um sinal da contínua afeição da tua tia pelo marido. Mantém estes aposentos para o caso de ele precisar de sítio para ficar, quando passa por cá.

Não creio que tenha sido imaginação minha que a Olive tenha dito as palavras «contínua afeição» como se dissesse «persistente erupção cutânea».

Bem, obrigada, tia Peg, porque o apartamento do Billy era maravilhoso. Não tinha a tralha das outras divisões que eu já vira — longe disso. Este lugar tinha *estilo*. Havia uma pequena sala de estar com lareira e uma linda secretária lacada em preto, sobre a qual se encontrava uma máquina de escrever. Depois, havia o quarto, com as janelas viradas para a Rua 41 e a bonita cama de casal feita de madeira e cromado. No chão, um imaculado tapete branco. Eu nunca tinha pisado um tapete branco. Pelo outro lado do quarto, entrava-se para um espaçoso *closet* com um grande espelho na parede e um roupeiro polido sem uma única peça de roupa lá dentro. Ao canto do *closet* havia um pequeno lavatório. O espaço estava impecavelmente limpo.

— Não tens casa de banho privativa, infelizmente — disse a Olive, enquanto os homens de fato-de-macaco depositavam as minhas malas e máquina de costura no *closet*. — Há uma casa de banho do outro lado

---

<sup>3</sup> Abreviatura de *white anglo-saxon protestants* (protestantes brancos anglo-saxões), expressão usada normalmente de forma pejorativa para designar uma elite norte-americana. (*N. da T.*)

do corredor. Vais partilhá-la com a Celia, enquanto ela fica aqui no Lily, só por agora. O Sr. Herbert e o Benjamin vivem na outra ala. Partilham outra casa de banho.

Não sabia quem eram o Sr. Herbert e o Benjamin, mas calculei que ia descobrir em breve.

— O Billy não vai precisar deste apartamento, Olive?

— Sinceramente, duvido.

— Tem a certeza? Se ele alguma vez precisar, claro, posso ir para outro sítio qualquer. O que estou a dizer é que não preciso de nada tão simpático como tudo isto...

Estava a mentir, eu precisava e desejava aquele pequeno apartamento com todo o meu coração, e já tomara posse dele na minha imaginação. Era ali que me ia tornar alguém, decidi.

— O teu tio não vem a Nova Iorque há mais de quatro anos, Vivian — disse a Olive, olhando-me daquela sua forma perturbadora, a que me fazia sentir que estava a observar todos os meus pensamentos, como um filme. — Julgo que te podes instalar aqui com razoável segurança.

Oh, felicidade!

Desemallei alguns artigos essenciais, passei água pela cara, pó-de-arroz no nariz e uma escova no cabelo. Depois, era regressar para o ruído e confusão da grande e atulhada sala de estar. De volta ao mundo da Peg, com toda a sua novidade e barulho.

A Olive foi à cozinha e trouxe um pequeno rolo de carne, servido numa cama de triste alface. Tal como ela intuía, não ia chegar para toda a gente na sala. Pouco depois, contudo, reapareceu com algumas carnes frias e pão. Também desencantou a carcaça de meia galinha, um prato de pickles e algumas embalagens de comida chinesa fria. Reparei que alguém abrira uma janela e ligara uma pequena ventoinha, o que pouco fazia para eliminar o abafado calor de verão.

— Comam, meninos — disse a Peg. — Tirem tudo o que quiserem.

A Gladys e o Roland atiraram-se ao rolo de carne como um par de agricultores. Eu servi-me de um pouco do *chop suey*. A Celia não comeu nada, mas sentou-se em silêncio num dos sofás, a segurar o copo de martíni e o cigarro com uma classe que eu jamais tinha visto.

— Como correu o início do espetáculo, hoje? — quis saber a Olive. — Só apanhei o fim.

— Bem, não foi o *Rei Lear* — disse a Peg. — Mas quase.

O sobrolho da Olive franziu-se ainda mais.

— Porquê? Que foi que aconteceu?

— Não aconteceu propriamente nada — disse a Peg. — É só um espetáculo enfadonho, mas nada por que tenhamos de perder o sono. Sempre foi enfadonho. Ninguém no público pareceu excessivamente prejudicado. Todos saíram do teatro com o uso das duas pernas. Seja como for, vamos mudar o espetáculo para a semana, por isso não interessa.

— E as receitas da bilheteira? Do primeiro espetáculo?

— Quanto menos falarmos desses assuntos, melhor — disse a Peg.

— Mas qual foi o total, Peg?

— Não faças perguntas cujas respostas não queres conhecer, Olive.

— Bem, vou *precisar* de saber. Não podemos continuar a ter plateias como a desta noite.

— Oh, como adoro que lhes chames plateia! Pela contagem feita, havia quarenta e sete pessoas no primeiro espetáculo desta noite.

— Peg! Isso não é *suficiente!*

— Não te aflijas, Olive. Não te esqueças que as coisas ficam sempre mais paradas no verão. Seja como for, temos as audiências que temos. Se quiséssemos atrair mais gente, organizávamos jogos de basebol em vez de peças de teatro. Ou investíamos em ar-condicionado. Vamos é virar a atenção para preparar o *Mares do Sul* para a próxima semana. Podemos pôr os dançarinos a ensaiar amanhã de manhã e eles podem entrar em ação na terça.

— Amanhã de manhã não pode ser — replicou a Olive. — Aluguei o palco para uma aula de dança infantil.

— Muito bem. Engenhosa como sempre. Então, amanhã à tarde.

— Amanhã à tarde não pode ser. Aluguei o palco a uma aula de natação.

Isto apanhou a Peg de surpresa.

— Uma aula de *natação*? Percebi bem?

— É um programa oferecido pelo município. Vão ensinar crianças do bairro a nadar.

— A nadar? Vão inundar o nosso palco, Olive?

— Claro que não. Chama-se natação em seco. Dão as aulas sem água.

— Queres dizer que vão ensinar natação enquanto *conceito teórico*?

— Mais ou menos. Só as bases. Usam cadeiras. É o município que paga.

— E se fizermos assim, Olive? Porque é que não dizes à Gladys quando *não* alugaste o nosso palco a uma aula de dança para crianças ou a uma escola de natação, para ela marcar um ensaio para começar a trabalhar as danças do *Mares do Sul*?

— Domingo à tarde — disse a Olive.

— Domingo à tarde, Gladys! — A Peg ergueu a voz para se fazer ouvir pela corista. — Ouviste? Consegues reunir toda a gente para domingo à tarde?

— Também não gosto de ensaiar de manhã, de qualquer maneira — disse a Gladys, embora eu não tivesse a certeza de que aquilo constituísse uma resposta firme.

— Não deve ser difícil, Gladdie — disse a Peg. — É só uma revista improvisada. Arranja qualquer coisa, como costumás fazer.

— Eu quero entrar no espetáculo *Mares do Sul*! — disse o Roland.

— Toda a gente quer entrar no espetáculo *Mares do Sul* — comentou a Peg. — Os miúdos adoram fazer estes dramas exóticos internacionais, Vivvie. Adoram os figurinos. Só este ano, já fizemos um espetáculo índio, a história de uma donzela chinesa e a história de uma dançarina espanhola. Experimentámos um romance esquimó no ano passado, mas não prestou. Os trajes não eram muito convidativos, digamos assim. Muito pelo, estás a ver? Roupa pesada. E as músicas não eram do melhor que temos feito. Acabámos a rimar tantas vezes «gelo» com «pelo» que até nos dava dores de cabeça.

— Podes fazer de uma das raparigas que dançam o hula, Roland! — exclamou a Gladys, e riu-se.

— Podes crer que sou bem capaz! — disse ele, e fez uma pose.

— Acredito — concordou a Gladys. — E és tão magricela que um dia destes levantas voo. Tenho sempre de ter cuidado para não ficarmos juntos no palco. Contigo ao meu lado pareço uma vaca gigantesca.

— Se calhar é porque engordaste ultimamente, Gladys — observou a Olive. — Tens de ter atenção ao que comes, senão deixas de caber nos fatos.

— O que uma pessoa come não tem nada a ver com o corpo que tem! — protestou a Gladys, enquanto se preparava para levar à boca mais um pedaço de rolo de carne. — Li numa revista. O que interessa é a quantidade de café que bebes.

— Tu bebes é demasiado álcool — exclamou o Roland. — Não aguentas!

— Eu sei que não aguento — aceitou a Gladys. — Toda a gente sabe. Mas, digo-te uma coisa, não teria uma vida sexual tão boa como tenho se não fosse isso. — Empresta-me o teu batom, Celia — pediu a Gladys à outra corista, que, sem dizer uma palavra, retirou um tubinho do bolso do roupão de seda e passou-lho. A Gladys pintou os lábios com o mais violento tom de vermelho que eu já tinha visto e depois beijou o Roland com força em ambas as faces, deixando marcas grandes e vivas.

— Pronto, Roland. Agora és *mesmo* a rapariga mais bonita na sala!

O Roland não pareceu importar-se com a provocação. Tinha um rosto de boneca de porcelana, e, ao meu olho experiente, parecia que depilava as sobrancelhas. Fiquei chocada por ele nem *tentar* parecer masculino. Quando falava, acenava com as mãos como uma debutante. Nem sequer limpou o batom das faces! Era quase como se *quisesse* parecer uma mulher! (Perdoa a minha ingenuidade, Angela, mas eu não tinha convivido com muitos homossexuais até àquele ponto da minha vida. Pelo menos, homens. Lésbicas, por outro lado, já tinha visto. Passei um ano em Vassar, afinal de contas. Nem eu era assim *tão* distraída.)

A Peg virou a atenção para mim.

— Então! Vivian Louise Morris! Que queres fazer da vida, agora que estás em Nova Iorque?

Que queria fazer da vida? Queria fazer *isto!* Queria beber martínis com coristas e ouvir conversas sobre o mundo da Broadway e mexericos de rapazes que pareciam raparigas! Queria ouvir pessoas falar das suas boas vidas sexuais!

Mas não podia dizer isso. Portanto, o que respondi, brilhantemente, foi:

— Gostava de dar umas voltas! Ver as vistas!

Agora toda a gente estava a olhar para mim. À espera de mais, talvez? À espera de *quê?*

— Não conheço as ruas de Nova Iorque, é o meu principal obstáculo — continuei, soando burra.

A tia Peg respondeu a esta imbecilidade pegando num guardanapo de papel que estava em cima da mesa e desenhando um rápido mapa de Manhattan. Quem me dera ter conseguido preservar esse mapa, Angela. Era o mais delicioso mapa da cidade que alguma vez vi: uma ilha em forma de cenoura torta, com um retângulo escuro no meio a representar o Central Park; vagas linhas onduladas a representar os rios Hudson e East; um símbolo de dólar ao fundo da ilha, a representar Wall Street; uma nota musical na parte de cima, a representar Harlem, e uma estrela mesmo ao meio, a representar o local onde estávamos: Times Square. O centro do mundo! Bingo!

— Pronto — disse. — Agora já as conheces. É impossível perderes-te aqui, miúda. Só tens de seguir os letreiros das ruas. Está tudo numerado, mais fácil não podia ser. Só não te esqueças disto: Manhattan é uma ilha. As pessoas esquecem-se disto. Se andares tempo suficiente em qualquer direção, chegas à água. Se deres a um rio, viras-te e andas na direção contrária. Vais acabar por perceber. Pessoas mais idiotas do que tu aprenderam as ruas desta cidade.

— Até a Gladys percebeu — contribuiu o Roland.

— Eh, vê lá o que dizes, lindinho — disse a Gladys. — Eu *nasci* aqui.

— Obrigada! — respondi, guardando o guardanapo no bolso. — E, se precisar de alguma coisa aqui no teatro, eu teria todo o gosto em ajudar.

— Gostavas de ajudar? — A Peg pareceu espantada ao ouvir isto. Claramente, não tinha esperado muito de mim. Meu Deus, que lhe teriam dito os meus pais?

— Podes ajudar a Olive no escritório, se gostares desse tipo de coisas. Trabalho de escritório, e assim.

A Olive empalideceu com a sugestão, e receio que me possa ter acontecido o mesmo. Queria tanto trabalhar para a Olive como ela me queria a trabalhar para si.

— Ou podes trabalhar na bilheteira — continuou a Peg. — Podes vender bilhetes. Não tens jeito para a música, pois não? Surpreender-me-ia se tivesses. Ninguém na nossa família tem.

— Sei costurar — sugeri.

Devo tê-lo dito baixinho, porque ninguém pareceu registar que tinha falado.

A Olive disse:

— Peg, porque não inscreves a Vivian na Escola Katharine Gibbs, onde ela pode aprender a escrever à máquina?

A Peg, a Gladys e a Celia gemeram todas ao mesmo tempo.

— A Olive está sempre a tentar convencer as raparigas a inscreverem-se na Katharine Gibbs, para aprenderem a escrever à máquina — explicou a Gladys. Estremeceu com horror dramático, como se aprender a datilografar fosse algo comparável a partir rocha num campo de prisioneiros de guerra.

— A Katharine Gibbs forma jovens empregáveis — frisou a Olive. — Uma jovem deve ser empregável.

— Eu não sei datilografia e sou empregável! — protestou a Gladys. — Que diabo, já estou *empregada*! Fui empregada por *si*!

— Uma corista nunca está propriamente *empregada*, Gladys — retificou a Olive. — Uma corista é uma pessoa que pode, *por vezes*, possuir um emprego. Não é a mesma coisa. Este não é um ramo de trabalho estável. Uma secretária, pelo contrário, consegue sempre arranjar emprego.

— Eu não sou só corista — disse a Gladys, com orgulho ferido. — Sou *capitã de dança*. Uma capitã de dança consegue sempre arranjar emprego. Seja como for, se ficar sem emprego, só preciso de me casar.

— Nunca aprendas a escrever à máquina, miúda — disse-me a Peg. — E, se aprenderes, nunca digas a ninguém que sabes, senão obrigam-te a fazer isso para sempre. E também nunca aprendas estenografia. Vai ser a tua morte. Quando põem um bloco de estenografia na mão de uma mulher, ele nunca mais de lá sai.

De repente, a fabulosa criatura no outro lado da sala falou pela primeira vez desde que tínhamos subido as escadas.

— Disseste que sabes costurar? — perguntou a Celia.

Mais uma vez, aquela voz baixa e rouca apanhou-me de surpresa. E, além disso, ela estava a olhar para mim, o que achei um pouco intimidante. Não quero abusar da palavra «abrasadora» quando falo

da Celia, mas não há como evitar: era o tipo de mulher que abrasava, mesmo quando não tentava deliberadamente abrasar. Sustentar aquele olhar abrasador era-me desconfortável, por isso limitei-me a anuir e disse na direção, mais segura, da Peg:

— Sim. Sei costurar. A avó Morris ensinou-me.

— Que espécie de coisas fazes? — quis saber a Celia.

— Bem, fiz este vestido.

A Gladys gritou:

— *Fizeste esse vestido?*

Tanto a Gladys como o Roland se precipitaram para mim, da maneira como as raparigas costumavam fazer, sempre que lhes dizia que tinha feito o meu vestido. Num segundo, estava ambos a puxar pontas da minha roupa, como dois macaquinhos lindos.

— Foste tu que fizeste *isto*? — espantou-se a Gladys.

— Até os acabamentos? — perguntou o Roland.

Apetecia-me dizer «isto não é nada!», porque, a sério, em comparação com o que conseguia fazer, aquele vestidinho, por mais elegante que parecesse, não era nada. Mas não quis parecer convencida. Por isso, o que disse foi:

— Sou eu que faço toda a minha roupa.

A Celia voltou a falar do outro lado da sala:

— Sabes fazer figurinos?

— Suponho que sim. Depende do figurino, mas tenho a certeza que sim.

A corista levantou-se e perguntou:

— Conseguias fazer uma coisa assim? — Deixou o roupão deslizar para o chão, revelando o figurino por baixo.

(Sei que isto parece dramático, dizer que ela «deixou o roupão deslizar para o chão», mas a Celia era o tipo de rapariga que não tirava a roupa como outra qualquer mortal; ela *deixava-as sempre deslizar*.)

As suas formas eram espantosas, mas, no que dizia respeito ao figurino, era básico — um fato metálico em duas peças, quase um fato de banho. Uma coisa que era concebida para ter melhor aspeto a quinze metros de distância do que ao perto. Consistia nuns calções justos de cintura alta e decorados com lantejoulas brilhantes e um *soutien* ornamentado com um arranjo vistoso de contas e penas.

Ficava-lhe bem, mas apenas porque até uma bata de hospital lhe ficaria bem. Achei que lhe poderia ajustar-se melhor, para ser honesta. As alças estavam todas mal.

— Sei fazer isso — respondi. — As contas demoram a colocar, mas é apenas uma questão de tempo. O resto é bastante simples. — Depois, tive um rasgo de inspiração, como um foguete disparado num céu noturno. — Por exemplo, se tiverem uma diretora de guarda-roupa, talvez eu pudesse trabalhar com ela. Podia ser assistente dela!

Uma gargalhada geral irrompeu pela sala.

— Uma *diretora de guarda-roupa!* — disse a Gladys. — Onde é que pensas que estás, na Paramount Pictures? Achas que temos a Edith Head escondida na cave?

— As raparigas são responsáveis pelos seus próprios figurinos — explicou a Peg. — Se não temos nada que funcione no nosso armário de figurinos, e nunca temos, elas têm de arranjar as suas próprias roupas. Fica às custas delas, mas sempre foi assim que se fizeram as coisas. Onde é que arranjaste o teu, Celia?

— Comprei-o a uma rapariga. Lembras-te da Evelyn, do El Morocco? Casou-se e mudou-se para o Texas. Deu-me um baú cheio de figurinos, para minha sorte.

— Sim, sim, uma grande sorte — riu-se o Roland, trocista. — Uma sorte não teres apanhado gonorreia.

— Oh, pára com isso, Roland — disse a Gladys. — A Evelyn era boa miúda. Só tens inveja porque ela se casou com um *cowboy*.

— Se quiseres ajudar os miúdos com os figurinos, Vivian, tenho a certeza que toda a gente ia ficar muito agradecida — disse a Peg.

— Podias fazer-me um fato para os *Mares do Sul*? — perguntou-me a Gladys. — Como uma dançarina havaiana?

Era como perguntar a um *chef* se sabia fazer papas de aveia.

— Claro — disse-lhe. — Posso fazer-te um amanhã.

— E podes fazer-me um a mim? — perguntou o Roland.

— Não tenho orçamento para fatos novos — avisou a Olive. — Não tínhamos falado disto.

— Oh, Olive — suspirou a Peg. — Pareces a mulher de um pároco. Deixa os miúdos divertirem-se.

Não deixei de reparar que a Celia mantivera os olhos fixos em mim desde que começámos a falar de costura. Estar na sua linha de visão era ao mesmo tempo aterrador e excitante.

— Sabes uma coisa? — disse ela, depois de me estudar com mais atenção. — És bonita. — Bom, para ser justa, as pessoas costumavam reparar neste facto mais depressa. Mas quem podia censurar Celia por, até àquela altura, me ter prestado tão pouca atenção, quando era possuidora *daquela* cara e *daquela* corpo? — Para dizer a verdade — continuou, a sorrir pela primeira vez naquela noite —, és um bocado parecida comigo.

Que isto fique claro, Angela: não era.

A Celia Ray era uma deusa; eu era uma adolescente. Mas, nos mais vagos termos, suponho que percebia o que ela queria dizer: éramos ambas altas, morenas, com pele de marfim e olhos castanhos afastados. Podíamos ter passado por primas, ainda que não por irmãs — e, decididamente, não por gémeas. Mas as nossas formas não tinham nada em comum. Ela era um pêssego; eu era um pau. Ainda assim, fiquei lisonjeada. Até hoje, porém, acredito que a única razão por que a Celia Ray alguma vez reparou em mim foi o sermos um *bocadinho* parecidas, e isso atraiu-lhe a atenção. Para a Celia, vaidosa como era, olhar para mim deve ter sido como olhar para um (muito baço, muito distante) espelho — e a Celia nunca conhecera um espelho de que não gostasse.

— Eu e tu podíamos vestir-nos de igual, um dia destes, e sair juntas — disse ela, naquela grave voz do Bronx que era também um ronronar. — Podíamos meter-nos nuns belos sarilhos.

Bem, não soube o que responder a *isto*. Limitei-me a ficar ali sentada, de boca aberta, como a menina de escola que até tão recentemente tinha sido.

Quanto à minha tia Peg — a minha *tutora legal*, naquela altura, por favor, não te esqueças — ouviu este convite de teor ilícito e disse:

— Bem, miúdas, isso parece-me divertido.

A Peg estava de novo no bar a misturar outra rodada de martínis, mas, nessa altura, a Olive pôs um ponto final nas coisas. A temível secretária do Lily Playhouse levantou-se, bateu as palmas e anunciou:

— Basta! Se a Peg se deita mais tarde, não vai estar bem de manhã.

— Raios, Olive, vou-te bater! — disse a Peg.

— Para a cama, Peg — reiterou a imperturbável Olive, batendo com o pé para dar ênfase. — *Já!*

A sala dispersou. Todos nos demos as boas-noites.

Dirigi-me ao meu apartamento (*o meu apartamento*) e retirei mais coisas das malas. Mas não me conseguia concentrar na tarefa. Estava a vibrar de alegria nervosa.

A Peg passou pelo meu quarto para ver se estava tudo bem, quando eu me entretinha a pendurar os meus vestidos no roupeiro.

— Bem instalada? — perguntou, perscrutando o imaculado apartamento do Billy.

— Gosto tanto deste quarto. É lindo.

— Sim. O Billy não aceitaria nada menos do que isso.

— Posso perguntar-lhe uma coisa, Peg?

— Com certeza.

— Que se passou com o fogo?

— Qual fogo, miúda?

— A Olive disse que tinha havido um pequeno incêndio no teatro hoje. Era só para saber se está tudo bem.

— Ah, isso! Só uns velhos cenários que se incendiaram por acidente atrás do edifício. Tenho amigos no quartel dos bombeiros, por isso não houve problema. Caramba, isso foi *hoje*? Já me tinha esquecido. — A Peg esfregou os olhos. — Oh, bem, miúda. Não vais demorar muito tempo a descobrir que a vida no Lily Playhouse não é mais do que uma série de pequenos fogos. Agora, toca a dormir, senão a Olive manda-te prender.

Por isso, fui dormir — a primeira vez que dormia em Nova Iorque e a primeira (mas não, decididamente, a última) em que dormia na cama de um homem.

Não me lembro de quem arrumou a tralha do jantar.

Provavelmente, foi a Olive.

«Há uma altura em que uma mulher simplesmente se cansa de passar a vida envergonhada. Depois disso, é livre de se tornar quem realmente é.»



No Verão de 1940, aos dezanove anos, forçada a partir para Nova Iorque devido ao desespero dos pais, Vivian Morris chega à cidade levando consigo apenas uma mala e uma máquina de costura. Embora o seu especial talento com as agulhas e o seu empenho em dominar o penteado perfeito tenham sido insuficientes para transitar de ano na Faculdade de Vassar, acabaram por transformá-la na célebre modista de Lily Playhouse, o decadente teatro de variedades da sua pouco convencional tia Peg.

Apesar da guerra, os dias em Nova Iorque são tudo menos aborrecidos. Nesta cidade das mulheres, Vivian e as suas amigas tentam ser livres e beber a vida até à última gota. Mas ela também irá descobrir que tem lições para aprender e amargos erros para cometer, e que, para viver a vida que verdadeiramente deseja, terá de se reinventar a cada passo.



A brilhante autora de *Comer, Orar, Amar* volta com uma história de amor única, cheia de *glamour*, humor e paixão pela vida.



«Uma celebração gloriosa, complexa e emocionalmente inteligente do que significa ser mulher.»

*The Guardian*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[penguinlivros.pt](http://penguinlivros.pt)

  penguinlivros

ISBN: 978-989-589-501-4



9 789895 895014